

**FEMINISMOS GLOBAIS  
ESTUDOS DE CASO COMPARADOS  
DE MULHERES MILITANTES E INTELLECTUAIS**

**LOCAL: BRASIL**

**Transcrição da entrevista com Lourdes Barreto  
Entrevistadora: Claudielle Pavão da Silva**

**Brasil  
27 de Abril de 2022**

**University of Michigan  
Institute for Research on Women and Gender  
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290  
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: [um.gfp@umich.edu](mailto:um.gfp@umich.edu)  
Website: <http://www.umich.edu/~glbfem>**

**© Regents of the University of Michigan, 2022**

**Lourdes Barreto**, natural de Catolé do Rocha na Paraíba, mora em Belém há mais de 60 anos. Foi fundadora com Gabriela Leite da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), cujo marco é o Primeiro Encontro Nacional "Fala, Mulher da Vida" realizado no Rio de Janeiro em 1987. Foi uma das fundadoras do Movimento de Promoção da Mulher-MOPROME em 1990, criou o Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará-GEMPAC. Foi representante por notório sabere por sua atuação e luta na promoção e defesa dos direitos das mulheres do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher-CNDM no triênio 2018-2021. Integra a Plataforma Latino Americana de Pessoas que Exercem Trabalho Sexual (PLAPERTS) e a Rede Mundial de Trabalhadores Sexuais (NSWP). Hoje tem 79 anos de vida, mais de 50 anos na prostituição e 35 anos como uma das principais lideranças da RBP. Está entre as 100 pessoas que iniciou o programa de Aids no Brasil e contribuiu na construção do Sistema Único de Saúde-SUS. "Eu sou puta" tatuado no seu braço esquerdo é a expressão da sua história e lutano corpo. Em setembro lança **Lourdes Barreto: Puta Autobiografia** pela Editora Paka-Tatu na Bienal em Belém do Pará

**Claudielle Pavão** é graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar, é mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e cursa doutorado em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atua como diretora da Casa da Mulher Carioca Tia Doca, da Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Mulher, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

**Claudielle Pavão: Olá, eu sou Claudielle Pavão, doutoranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e estou aqui com Lourdes Barreto, ativista da prostituição, para conversar um pouco sobre sua trajetória de militância para o Projeto de Feminismos Globais da Universidade de Michigan. E Lourdes, eu vou introduzir só para você falar um pouquinho da sua trajetória e aí a gente vai abordando alguns pontos importantes, tudo bem assim?**

Lourdes Barreto: É, vamos falar daí.

**CP: Você pode falar um pouquinho de como começou essa trajetória na prostituição para a gente se localizar um pouco?**

LB: É, eu estou, só deixa o meu neto voltar aqui que o negócio aqui saiu, né, espera aí.

**CP: A gente está te ouvindo bem.**

LB: Pois é. Boa tarde, é um prazer imenso, até ainda agora me estressei um pouco né, eu vou fazer 80 anos dia 22 de janeiro, tenho uma trajetória muito longa. Eu sou natural do estado da Paraíba no Nordeste do país e moro aqui no Pará, na Amazonas, já há quase uns 60 anos. A minha filha mais velha, ela tem 55, vai fazer 56, eu tive ela aqui em Belém. Eu nasci de uma família na época considerada de classe média e passei por algumas formas de violência, de violência sexual dentro da família, mas isso não me leva ao caso de eu ter ido para a prostituição. Isso nos anos 50, né, eu saí da Paraíba e no final dos anos 50 eu venho para Belém do Pará, onde eu escolhi essa cidade para morar, onde eu sou mãe de 4 filhos, vó de 10 netos e bisavó de 8 bisnetos, eu sinto que assumi a maternidade e a paternidade sozinha vivendo dentro da indústria do sexo, trabalhando, fazendo meu trabalho sexual.

E dentro disso eu queria falar um pouco da minha história, da minha trajetória, da qual eu me orgulho, né, em breve a gente vai estar levando essa história para o mundo. Dentro da indústria do sexo, eu aprendi muitos valores, eu aprendi a lidar com a concepção de relação de valores, aprendi a lidar com a sociedade preconceituosa, falsa moralista, mas eu consegui lidar - ainda lido até hoje, né - vivo numa luta eterna de quebra de estigma e de preconceito. Como eu sou nordestina, o nordestino aqui nesse país aqui ele ainda sofre muito preconceito, muito estigma por ser nordestina, e ainda ser mulher, né, eu passei muita forma de violência da sociedade pelo fato de ser mulher, ser nordestina, e depois eu tive que assumir que era puta. E essa palavra, ela me trouxe um legado, me trouxe, assim, coisas importantes na minha vida porque eu sei que eu estou quebrando estigma de uma palavra que uma sociedade toda usa - *filha da puta, puta que pariu* - e eu resolvi fazer uma tatuagem alguns anos atrás, até estava em um evento do Ministério da Saúde lá na Paraíba, e resolvi fazer uma tatuagem. Até agora, eu acho que sou a única puta mulher tatuada com essa palavra "sou puta." Essa palavra

“sou puta,” ela me traz, assim, um retrato de uma sociedade que machuca, fala, fala mal da prostituição, mas não consegue viver sem a prostituição.

E eu sonhei com a maternidade, eu tive o presente de encontrar a maternidade, com 4 filhos, depois eu fiquei também apoiando e cuidando também, ajudando cuidar, de 10 netos, né, cada um de uma forma e hoje eu continuo ajudando a cuidar dos bisnetos, eu tenho uma bisneta de 5 anos que vive comigo aqui em casa. Porque a principal coisa que eu aprendi na vida é a família, a família é um dos maiores pilares. Dois pilares que levam qualquer ser humano a qualquer estabilidade é a educação e a família, né. Então eu não tive direito a certa educação formal, né, de ir para uma universidade, de ir para uma escola pública, mas eu tive acesso à maior universidade do mundo que foi a vida, onde eu lidei com putas, putos, atores, boêmios, malandros, grandes intelectuais, grandes executivos... E eu consegui viver isso e eu vi que eu estava no lugar certo e eu aprendi a gostar disso - eu não ia ficar quase 57 anos, 56 anos, quase 57 anos dentro de um trabalho se eu não tivesse nenhum apreço por ele nem gostasse dele - e eu terminei me apegando, não fazendo apologia a prostituição, mas aprendi dentro da prostituição a lidar com essa concepção de sociedade, né, sempre pronta e preparada para enfrentar um embate, né.

Aí dentro da zona nos anos 50, eu já percebia que havia uma necessidade de organizar, da gente organizar, eu percebi isso com muita clareza, eu tive assim, nos primeiros dias que eu estive no cabaré, aquelas coisas luxuosas, tudo, mas eu vi que tinha que ter um nível de organização - desde como de comportar dentro do cabaré - e depois fui pensando que tinha que ter um movimento social, um movimento político, um movimento onde a gente pudesse estar falando da nossa história, contando da nossa vida com mais propriedade. E eu aprendi isso dentro da zona, dentro da prostituição. Até as pessoas dizem que puta não tem amiga, mas eu consegui ter amiga dentro da prostituição, consegui fazer grandes amizades e tive grandes companheiras também que estavam lá junto comigo normalmente de fins bons, ruins, e eu vi. E dentro da indústria do sexo eu percebi que havia essa necessidade dessa organização e naquele tempo eu já estava empoderada, me empoderando, sem saber o que era empoderamento, eu já lutava pela questão do feminismo sem saber o que era feminismo, eu já valorizava a vagina sem saber o significado de uma vagina, né.

Então eu já fazia tudo isso com muita naturalidade, com muita simplicidade, a questão da vaidade, a questão de estar muito bem pronta para receber os clientes, e eu me via assim como se fosse uma professora que estava dando aula. Lá no quarto, aprendi que dentro da cama, em cima da cama é um lugar melhor da gente tomar qualquer decisão. Eu percebi que a vagina tem o poder não só de colocar um filho no mundo, mas de dar prazer, de mexer com a sociedade preconceituosa. E eu vivi isso com muita simplicidade, sabe, eu via, “Olha, quer fazer programa? Quer fazer? Quer transar?” Então, eu nunca tive problema com a questão do

meu corpo, de ficar nua, acho que a gente deveria até todo mundo viver nu, eu acho que o certo era isso, como a gente nasceu, né.

Eu aprendi com isso que uma sociedade em que você, em que tudo é feio, tudo é pecado, e você faz... Aí eu digo, eu sou a favor da legalização do aborto, digo já por que, porque só morre as mulheres pobres, as mulheres que não têm condições de pagar um bom médico - eu fiz vários abortos né - só morre as mulheres que não têm condições, eu luto pelo SUS, pelo Sistema Único de Saúde, onde seja uma política pública. Depois eu luto pela legalização da prostituição, que é uma forma de você não ter nenhuma criança nem adolescente sofrendo em situação de exploração dentro de uma zona de prostituição, que isso pode acontecer, de ter uma adolescente, como a gente já contou, dentro dos garimpos, essa coisa toda, e se a prostituição estiver legalizada, isso não vai ter. Como também sou a favor da legalização da maconha, porque só vai preso preto e pobre e puta, e muita gente fuma maconha naturalmente, então eu não tenho nenhum problema com isso. Então eu defendo esses temas que é complicado para a sociedade entender, mas para mim não é, para mim é natural, sabe, eu digo isso com muita simplicidade e com muita humildade.

E eu, aos meus 80 anos, estou fazendo agora em janeiro - eu sou aquele ser humano que se falta um ano para completar o aniversário eu já digo, já estou na casa dos oitenta - eu cada dia estou amadurecendo mais, aprendendo, sabe, toda hora eu aprendo, estou aprendendo com a bisnetinha aqui de 5 anos, eu aprendo com os meus erros, com as minhas falhas, eu aprendo ouvindo as pessoas, e também sei que estou ensinando as pessoas, né. E dentro da indústria do sexo tu tem, tu percebe que existe muitos valores, que isso não é colocado à tona por causa do estigma, o maior problema de não ter muita puta se assumindo que é puta na sociedade é por causa do estigma e o preconceito. Preconceito quanto a questão do racismo, a questão da mulher, a questão do movimento LGBTQ+... Então essas pessoas, as mulheres, as putas, os negros, essas pessoas vão viver por muito tempo ainda sofrendo preconceito e discriminação porque a nossa sociedade ela é podre, ela é preconceituosa, ela é falsa moralista.

E aí tem eu aí, contando a história, eu sou puta, faço uma tatuagem, todo mundo quer - eu deveria ter feito isso desde o primeiro dia que cheguei na zona, porque tem sido um momento muito importante - todo mundo quer tirar foto comigo, onde eu chego todo mundo quer tirar foto, porque as pessoas não tem coragem de fazer uma tatuagem mas acham legal, todo mundo, poucas pessoas dizem, "Ah, você está doida de fazer uma coisa dessa," mas poucas pessoas me dizem isso, mas a maioria diz, "Que legal Lourdes, bora bater uma foto," e aí eu vou, ponho o bracinho, já está até com bursite no braço de tanto mostrar o braço. E isso eu fui aprendendo, e isso, aí depois criei 4 filhos e ajudei na criação de 10 netos, e nenhum deles tem preconceito por eu ser puta, nenhum. Todos eles, meus filhos, meus netos,

minhas netas, meus bisnetos já sabem, já dizem, a minha bisnetinha diz “minha vó é puta” e não sabe nem o que está dizendo ainda, mas já diz isso porque ela escuta isso.

Aqui na minha sala tem um monte de foto, eu com o braço, eu fiz um mural muito grande aqui na sala com essas fotos, porque é uma forma de quebrar estigma. Se eu vivi a minha vida inteira, quase 57 anos, fazendo trabalho sexual - é que eu comecei muito jovem, né - fazendo trabalho sexual, vivendo desse dinheiro, eu nunca escondi para os meus filhos de onde eu levava o dinheiro, sabe, isso para mim... Algumas companheiras minhas que esconderam tiveram problemas seríssimos, né. Eu tenho um problema também com filho que é dependente químico, que infelizmente não há uma política pública nesse país que possa cuidar dessas pessoas, mas como eu sou sociedade, faço parte da sociedade, todo mundo tem problema, tem algum problema na vida, então eu tenho um problema que eu estou conseguindo aprender a lidar com ele e viver porque eu não posso fazer outra coisa.

Aí dentro do movimento, em 1987, no início dos anos 80, até 83, 84, 85, eu encontro Gabriela Leite, que morava no Rio de Janeiro, e a Gabriela era também prostituta - já morreu - lá em Salvador, no Encontro da Pastoral, eu passei pela Pastoral Marginalizada que a dela. De qualquer forma, ela me deu um direcionamento, ela me ensinou, me deu algumas regras, me ensinou algumas coisas, e eu sempre vou falar da Pastoral porque lá as freirinhas, se eu perguntar para elas, ninguém escuta a sexualidade das freiras, ninguém fala se elas não querem ter prazer, e isso eu fui aprender a lidar com elas e aprendendo com elas, mesmo elas dizendo não, que eu tenho que sair dessa vida, que é uma vida ruim, e eu disse, “Não, para você é ruim, mas para mim não é.” Eu gozo com os clientes, sou campeã de acidente de trabalho, eu ganho dinheiro, eu conheço pessoas, eu viajo muito. Então, eu sempre coloquei isso, e consegui fazer, ter uma relação muito boa dentro da Pastoral, desde que eu era uma mulher que morava aqui em Belém, e todos os encontros no Brasil que tinha da Pastoral... A Pastoral era uma instituição chamada Ninho e foi criada na França nos anos 40, 50, foi criada e ela se estendeu principalmente na América Latina, veio para o Brasil e principalmente no Nordeste do país, no Norte, foi muito forte por causa do estilo em que tem de dizer que as mulheres nordestinas são mais pobres, do Norte, e elas vieram para cá onde tem também um crescimento de prostituição, divisa dos grandes portos, área de garimpo, essa coisa toda.

Então, elas vieram, e eu fui uma das mulheres escolhidas para ser uma das lideranças, para mobilizar todas as companheiras lá na Pastoral, só que lá na Pastoral eu era uma revolucionária, e lá encontrando Gabriela, que também, muito parecida comigo, aquela mulher pequenina, mais meiga e tal, falando, né, e eu lá pelo meio e a gente pegou... Eu disse, “É Gabriela, a gente vai ter que enfrentar, né, os padres e as freiras aqui,” e tinha um monte de colegas nossas também que também participavam da Pastoral, mas elas diziam que era uma vida ruim, que elas queriam sair dali, que elas queriam se casar, ter um marido. Ah, eu tive vários maridos, vários namorados, vários companheiros, me apaixonei muito. Eu nunca

amei, só amei os filhos. Amor para mim não existe, existe amor só pelos filhos. “Ai, eu estou amando,” não, eu fico apaixonada, até porque quando a gente está apaixonada fica muito vulnerável, e eu ficava uma merda quando estava apaixonada, fazia besteira, brigava, criava problema e tal, mas daqui a pouco passava, dizia, “Ah, que arrependimento, que coisa besta que eu fiz na vida,” sabe? Então paixão é isso, ninguém fale de amor que amor é só pelos filhos porque os filhos podem fazer o que quiser e a gente fica aborrecido, mas daqui a pouco está tudo bem porque a gente ama os nossos filhos, a família, eu amo muito a minha família. É todo o patrimônio que eu tenho na vida, são meus filhos, meus netos, meus bisnetos.

E eu me vi fazendo isso, eu não me vi fazendo outra coisa. E encontrei muitos clientes bons, alguns doentes, né, complicado, com uns problemas seríssimos, e precisava ter psicólogo, até analista, nossa, estava doente com a questão da sua sexualidade. E eu sempre com essa sexualidade muito bem resolvida, gostando de me arrumar muito, de estar bonita, ver que eu estou aqui, que hoje foi um dia bem atribulado aqui, mas de qualquer forma eu estou arrumada, brincozinho, batonzinho, colarzinho, arrumadazinha. É assim que eu gosto de andar, e a minha vida inteira eu era uma puta chique, uma puta glamurosa, uma puta simpática, amorosa, recepcionava as pessoas muito bem, era dançarina de cartão, dançava para ganhar dinheiro, naquele tempo que as putas se cobriam muito, sabe. Hoje as pessoas pensam que as putas eram usar aquela sainha curtinha, não, as putas eram só longo de cetim italiano, era chique, aquelas coisas glamurosas, muita joia, muito brilho, muito laquê, muito perfume francês, então a gente era puta chique, não era puta da lavra não, era puta riquíssima, bonitas, empoderadas, muita maquiagem, cabelo muito penteado. Então, eu fui essa puta, e sou ainda porque ela está dentro de mim, essa coisa que eu vivi, sabe, está comigo, vou levar comigo, o prazer de exercer minha sexualidade, o prazer de comer bem, de estar nos espaços, de estar com as pessoas. Isso para mim foi, as pessoas pensam até que sexualidade é só transar, é transar também, mas não é só transar, não, é um montão de coisas que você está fazendo, e que está gostando, e que está bem.

E aí eu fui vivendo assim, e depois eu disse, “Vambora criar um movimento,” e a Gabriela, aí encontrei com a Gabriela em São Paulo, em Jundiaí também, no Encontro da Pastoral, isso tudo nos anos 80. Para concluir essa parte, em 87 a gente fundou a Rede Brasileira, a primeira da América Latina, eu daqui do Norte, eu sou nordestina, mas vivendo no Norte, Gabriela do Sudeste, e a gente fez o nosso Primeiro Encontro Nacional “Fala, Mulher da Vida,” porque até aí, dentro dos conventos, a gente não podia falar, as únicas putas que falavam dentro dos conventos mesmo eram eu e Gabriela. E isso as freiras também gostavam, no entanto que elas batiam no ombro das outras para ficar calada, como quem diz, “Ah, eu não gosto dessa vida, essa vida é muito ruim, eu quero sair dela, mas não tenho como,” que era coitadinha, vítima, eu não, eu digo que não sou vítima de porra nenhuma, eu sou uma puta mulher, eu gosto de estar na putaria, eu gosto de tomar um drink, eu gosto de beijar os homens, eu gosto de estar com os homens. Então eu era desse jeito, e eu depois dentro da zona aprendi que eu

era muito generosa, transava com deficiente físico, tirava da cadeira de rodas e botava na cama e depois tentava fazer um torno, tem nem problema, sabe, eu vi que eu era, dentro da zona, eu tive cliente que a pessoa queria me buscar para transar com o filho dentro da casa dele porque o filho só conseguia se acalmar quando tinha uma relação sexual.

Eu digo então, gente, eu sou muito poderosa, eu tenho muito poder, eu tenho muita coragem, então por que não assumir isso de frente? Por que não assumir que eu sou uma puta e que não tenho preconceito de dizer e nem vergonha de dizer que eu sou puta? Uma puta mulher, uma puta companheira, uma puta história. E isso, eu fui levando a vida, eu estou com todos esses anos de coisa - não estou fazendo mais programa ou outro porque já não tenho mais saúde, como qualquer trabalhador, trabalhadora tem que se aposentar, né - mas ainda faço o que for necessário, ainda faço uma boa consulta, porque ainda se for necessário fazer um programa, eu ainda posso fazer. Não com aquele tesão todo porque as coisas mudam, o tempo passa, as coisas se transformam, mas eu fui, sou uma mulher feliz, tenho algumas dificuldades na vida por questão de saúde e a idade, também o que estamos vendo aqui no Brasil, essa questão dessa crise política e social e econômica que a gente está vivendo nesse país, depois dessa crise sanitária aí e as prostitutas foram muito solidárias uma com a outra, muito companheiras umas das outras, e os movimentos sociais, o MST...

Então eu vivi, assim, vendo essa mordomia, eu digo, peguei COVID já no final, nas primeiras ondas não peguei, fiquei cuidando das outras pessoas, mas eu já peguei, já estava vacinada, também lutei, ajudei na implantação do Sistema Único de Saúde, estou entre as 100 pessoas do Brasil que começou a luta contra AIDS nos anos 80, e não tenho HIV, mas convivo com várias pessoas que tem HIV, consegui lidar com esse estigma, esse preconceito das pessoas com AIDS, consegui lidar com a questão de combater o tráfico de seres humanos, a questão da exploração sexual de crianças e adolescentes, até porque nós do movimento de putas queremos crianças na escola tendo cultura, lazer, e vivendo bem na sociedade. Então a minha vida inteira toda foi assim. Depois, eu fui muitas vezes conselheira aqui, conselheira estadual, conselheira municipal, ajudei na implantação da Delegacia da Mulher, dos conselhos municipal e estadual, e por último eu fui conselheira nacional de notório, de conhecimento na relação de gênero e de sexualidade.

E lá eu vi que eu estava dentro de um monte de mulheres feministas com outras concepções, com outros entendimentos, mas com esse meu jogo eu consegui fazer com que elas se apaixonassem por mim quando eu falava que já tinha gozado muito, que eu era campeã em acidente de trabalho, aí todo mundo achava graça, "Tu é muito alegre, de vez em quando tu não vem para a reunião, tem sua falta imensa," e aí eu tinha as minhas propostas que eu dava sobre a questão da mulher, defendendo sempre a mulher, porque nós mulheres precisamos muito ainda valorizar as mulheres, mais do que algumas de nós já valorizam. Porque a capacidade da mulher de sonhar, agregar, colocar um ser humano no mundo, sabe, cuidar,



essa coisa que a gente tem de ser... Eu sou uma cuidadora eternamente, eu gosto de cuidar das pessoas, gosto de servir as pessoas, gosto de cozinhar, eu gosto de ver pessoas virem para comer, eu gosto de receber pessoas, então eu sou, não sei como é que eu sou, tem hora que eu digo, mas às vezes eu... Será que eu existo, uma pessoa da minha idade quer fazer tudo isso ainda? Sempre fiz e continuo fazendo, e cada vez que eu faço é com mais perfeição, eu digo meu Deus, com que força que você vai me dar, meu Deus. Eu não tenho religião, mas acredito que tem alguém além de nós que é Deus, vou na Igreja Católica, já fui em algumas Evangélicas, em algumas coisas, não posso ter nenhum preconceito contra nenhuma religião. Aqui sou devota a Nossa Senhora de Nazaré, nessa cidade linda - Belém é fêmea, é morena, é mulher, e eu amo essa cidade - a cidade que eu escolhi para morar, para mim pode ser a melhor cidade do mundo, uma cidade que eu poderia ainda até trocar Belém seria Amsterdã, amei Amsterdã, ir naquele café lá, fumar um beckzinho, tomar aquele chá, sair na rua, sabe: Eu vi lá as vovozinhas sentadas com os netos, tudo natural, sabe, sem nenhum problema, então eu gostei muito daquela cidade. Mas eu amo Belém, como eu amo outras cidades, eu tenho família morando no Centro-Oeste, no Sul do país, no Nordeste, e eu aqui em Belém do Pará junto com outras que estão aqui em Belém.

E dentro do movimento eu percebia que havia umas fragilidades também, de algumas companheiras, quando chegavam perto de outras pessoas elas não tinham coragem de assumir que era prostituta, elas negavam, essa negação eu nunca fiz. Eu sempre disse, "Gente, eu sou puta," eu trabalhei dentro de garimpo, teve uma época em Serra Pelada que eu descii uma escada de 40 metros para ir dentro do baixão para ter relação sexual com o garimpeiro. Eu fui uma das primeiras putas a entrar em Serra Pelada quando não entrava nem cachaça nem mulher, fui eu, convidei outra colega... eu corri muito trecho, fui para as barragens do Tucuruí, fui para os garimpos aqui do estado do Pará, conheci garimpo do Rio Madeira aqui na região, então, quer dizer, eu viajei tudo isso, conheci os garimpos da Guiana Francesa ali no Amapá, no Oiapoque. Onde tinha homem eu ia atrás, eu era aquela mulher que viva em busca de estar com os homens, porque mesmo os homens tendo dificuldade de lidar, eu fazia com que eles, com que a nossa presença fizesse ele estar bem, e eu, como queria ganhar dinheiro, era o meu trabalho, era uma boa vendedora de vender o meu produto, dizia que eu era uma mulher completa, uma mulher arretada, uma mulher que fazia os caras ficarem muito animados no quarto - e era verdade mesmo porque o cara não ia só uma vez, o cara ia uma vez, duas, três, quatro, quantas vezes ele encontrasse queria ir - então a minha vida inteira foi desse jeito.

Lógico que eu também tive problemas, tive muitas dificuldades, tive decepções, tive acertos, erros, não fui a melhor mãe do mundo, mas gostaria de ter sido, mas fui ao menos uma mãe razoável, um pouco preocupada com a família em dar os cuidados necessários. E eu fui essa mulher, essa mulher que diz para a sociedade "eu sou puta" e quer lutar pelos direitos de todas as mulheres, dentro da indústria do sexo eu percebi que eu não tinha que lutar só pelas

trabalhadoras sexuais, não, por todas as mulheres, até pelas mulheres que estavam em casa porque o marido delas estava comigo lá na zona, eu tinha que lutar para que ela pudesse ter o direito de ela dizer que não estava feliz, que não estava bem, sabe, eu mesmo estando com o marido dela dentro do cabaré fazendo programa, mas eu achava que eu tinha que defender ela quando vinha alguns malucos, “Ah porque a minha mulher...” Porque aparece o tempo todo, que acha que pode falar mal da mulher porque está com outra mulher, eu dizia, olha, você está falando da mãe dos seus filhos, da mulher que você vive, então não vem para mim “ela não presta.” Então eu fiz muito isso, sabe, e eu vivi dentro da prostituição uma coisa glamurosa, não era uma coisa de coitadinha, “ai, essa pobrezinha,” não, era aquela mulher aguerrida, assim, se estava fraco o movimento hoje eu corria trecho, eu ia para a frente, para outro lugar, eu trabalhei em boates, fui da puta dançarina de cartão de Fortaleza, dançava, ganhava dinheiro só para dançar, eu transei com grandes executivos, grandes personagens da sociedade, dei prazer para uma sociedade inteira, então por que eu negar isso, gente? Não há necessidade.

E eu dentro da zona, eu ficava olhando, encontrei companheiras, companheiras mesmo dentro da zona, e eu tinha muito medo de sair, de ir embora, casar como alguma delas diziam, até chegaram a casar mas depois voltaram de novo, eu não vou querer casar, sair daqui, porque se eu sair, não vai dar certo, eu vou voltar, eu vou ficar desestabilizada. Porque se tu é jornalista e passar um monte de tempo sem estar fazendo, trabalhando com comunicação, você vai perder a prática, né. Se tu é psicólogo e passar muito sem atender, tu não vai ter condições de atender. Se tu é professor e passar muito tempo sem dar aula, tu também vai ter dificuldade. Então eu digo, eu tenho que ficar aqui. Então eu fiquei até agora, até não faz muito tempo que eu saí fazendo prostituição, até porque hoje não há mais uma necessidade e até porque o mercado exige mulheres mais jovens, como qualquer outro trabalho, eu me vi uma mulher trabalhando, uma mulher fazendo um trabalho com dedicação, depois da relação sexual, abraçar “vai com Deus, quando é que você vem de novo?”

Aí eu tinha os meus namorados, meus bigodete, que eram os filhos de papai e mamãe e recebiam sua mesada todo o final do mês e vinham lá para dar uma transadinha antes de abrir o salão, era uma das dez mais elegantes dentro do salão, dançando alegre, batom vermelho, toda arrumada. Então, gente, eu não faço apologia, mas eu, quando jovem, vendo a prostituição, eu era muito feliz. Lógico que depois eu fui começando a ter os filhos, fui ficando mais madura, começou a ter algumas dificuldades, alguns transtornos, porque também tive que assumir a paternidade e a maternidade sozinha, e isso também foi complicado. Como a maioria, nós temos grandes nomes de mulheres que assumem a maternidade e a paternidade sozinhas nesse país e nesse mundo aí, então por outro lado eu dizia “mas não é só eu.” Quando tinha alguma coisa que eu achava que, porra, mais isso está muito pesado para mim, eu dizia, “Mas não é só eu, tem alguém que está passando por isso. Ah, eu já tenho uma casa para morar...” E eu tinha colega que não tinha casa para morar.

Então eu tenho que agradecer, sabe, e dizer que sou feliz, e eu comecei sempre fazendo esse jogo, esse gingando, para onde... Mas eu não tenho outra coisa para fazer, me diga o que é que eu vou fazer. Eu até procurei fazer algumas coisas, fui trabalhar numa creche da mãe, 30 crianças e comida, aí eu cuidava bem das crianças.

**CP: Caramba, Lourdes. Deixa eu te perguntar uma coisa, você está falando dessas situações que você estava observando dessas mulheres que tinham demandas, né, que assumiam papel de mãe e pai, que estavam sozinhas para poder criar os seus filhos, todas essas dificuldades, e você via muito isso dentro dos prostíbulos, dentro do cabaré. Teve alguma situação específica, alguma experiência específica que foi determinante para você se organizar e ir conhecer esse encontro que teve, que a senhora conheceu a Gabriela Leite, teve algum momento específico que despertou para ir para esses encontros?**

LB: É, eu sempre gostei... Lá dentro do cabaré a gente sempre tinha reunião com a caftina - algumas mulheres não queriam participar da reunião, mas eu queria participar - eu sempre gostei de participar de alguma coisa e queria estar presente para saber como que era. E eu comecei, eu fui uma das, lá em Belém no final dos anos 50 para 60, apareceu a Pastoral lá em Belém, aquelas senhoras, algumas freiras e algumas senhoras leigas, casadas, que resolveram fazer uma obra social. Aí como a gente era considerada para elas vítimas, elas iam lá, aí elas se depararam comigo, eu até abri a porta para elas entrarem lá - isso antes da ditadura militar, depois teve também da ditadura militar - e elas foram lá e eu... Tinha duas paróquias de igreja próximas do Quadrilátero do Amor, de uma zona onde tinha quase 3000 prostitutas, eu mobilizava, eu dizia, "Bora ir para a reunião," aí elas lá faziam, festejavam o aniversário da gente, sabe, todo mundo fazia uma coleta, comprava salgados, bolos, faziam a festa, e isso tudo durante a tarde, porque de manhã a gente estava dormindo, né, e à tarde a gente ficava livre e aí eu organizava, às vezes mobilizava 150 mulheres, até mais, a gente tinha uma paróquia de mulheres lá. E a gente ia, a gente estava gostando daquilo, algumas queriam ensinar a bordar, a fazer tricô... Eu nunca tive habilidade para essas coisas, né, eu era só para falar mesmo, eu tenho uma tarefa de mobilizar, de fazer mobilização política, eu já dizia.

E foi aí que eu encontrei a Gabriela, e eu não vou negar, a Pastoral foi uma das maiores incentivadoras para que o movimento de putas se organizasse na América Latina e eu acredito que até no mundo. Porque aqui em Belém, aqui no Brasil, foi através da Pastoral da Mulher Marginalizada que eu fui à primeira reunião fora do estado, a primeira reunião fora do estado, e foi onde lá eu encontrei Gabriela, e percebi que havia uma necessidade de a gente se organizar para lutar pelos direitos das prostitutas e das mulheres como um todo, né, principalmente das prostitutas. Alô?

**CP: Oi, sou eu, perdão. Não, maravilha, eu fiquei pensando nisso, né, e como que a gente pode... Como que essas experiências foram sendo levadas para os próximos anos, teve esses encontros com essas mulheres, com a Pastoral, depois teve o movimento?**

LB: Foram muitos encontros, tiveram muitos encontros, depois eu ajudei aqui na fundação, participei da fundação do Movimento de Promoção da Mulher, eu fui da Associação Feminina Cristã, eu fui, sou fundadora da Rede Brasileira de Prostitutas, fundei o Gempac que é o Grupo de mulheres prostitutas do Estado do Pará e dia primeiro faz trinta e poucos anos. Então, eu fiquei a minha vida inteira participando das coisas, até hoje eu participo das reuniões, das coisas, hoje tinha até uma no Gempac que eu não fui porque se fosse eu ia ficar cansada para estar agora aqui falando, porque tu sabe que falar cansa, falar é como andar, cansa também, né. E eu sempre participei das coisas, e incentivava as outras, eu dizia, "Olha gente, é importante a gente estar lá na Pastoral." Desde quando fechou a zona nos anos 70 lá em Belém... Em 64, ditadura militar, em 65 eu tive a minha primeira filha e fui presa porque fui amamentar. A polícia prendia a gente, eu fui presa várias vezes sem praticar nenhum crime.

**CP: Nossa!**

LB: Muitas vezes, a ditadura militar foi uma das coisas mais cruéis, mais perversas, que eu não sei como tem pessoas hoje que querem a volta da ditadura militar. Eu vivi a mão de ferro da ditadura militar. E dentro da zona, essas freiras, elas deram um apoio muito grande na questão das prostitutas depois, no meio da ditadura militar. Em 1970, fechou o Quadrilátero do Amor aqui em Belém. Era uma zona de quase 3000 prostitutas, uma zona que tinha mulheres de vários continentes do mundo, tinha mulheres do Japão, de vários... Porque Belém, essa região aqui tem a borracha, ouro, muito minério, então muito navio, um porto poderoso. Então tinha mulheres que vinham de todos os lugares do Brasil e de vários continentes, então essas mulheres estavam aqui, em 76 aí eu fui uma das mulheres que lutou para reabrir a zona, eu estava na frente, porque quando disseram que iam fechar a zona, falei para abrir, que era primeiro de abril, Dia da Mentira, eu nem acreditava, é o Dia da Mentira que chamam, Dia da Mentira. Fechou a zona, e eu tinha alugado uma casa, já tinha meus dois filhos mais velhos, a Leila e o Paulo, e aí eu aluguei uma casa no Guamá e botei uma moça lá para cuidar deles.

Quando fechou a zona, fechou a casa, eu não estava lá na hora. Então eu cheguei de manhã e estava o exército, a aeronáutica, a polícia civil - todas as polícias estavam lá, aeronáutica, exército, polícia federal, toda aquela coisa toda - e era os aviões, tipo uma guerra. Porque 3000 e tantas mulheres dentro de um quadrado, o que é que você acha, que vai ficar onde. Aí foram se organizar para deportar, algumas delas foram deportadas. Como eu estava lá já fora da zona, eu fui atrás das senhoras da igreja e dos padres e das freiras para a gente fazer mobilização para conseguir comida para levar para elas que estavam presas dentro das

casas, entendeu? Então eu me destaquei fazendo essas obras sociais, eu aprendi com elas, eu era, quando eu estava dentro da zona, como uma colega disse, eu ajudava, quando ia presa, eu até aprendi a nunca fazer nada sozinha, que uma vez eu fui soltar uma colega, pedir para soltar uma colega lá na delegacia - porque a gente ia presa por qualquer coisa, estamos com a cara na janela, já ia presa - aí fui soltar um colega e chegou lá, os delegados “Olha, prende essa outra vagabunda.” Aí eu fiquei presa lá, tive que transar com o chaveiro para ele me dar comida porque eu não tinha nem almoçado ainda, ele me prendeu pela parte da manhã, eu digo ué, eu vou ter que transar, tenho uma vagina aqui que resolve qualquer problema.

E a minha vida inteira foi desse jeito, eu não vi outra coisa. Eu nunca vou conseguir contar a minha história toda porque eu me vi em vários momentos da prostituição. Ontem à noite eu estava deitada me lembrando do meu primeiro amor, minha primeira paixão, era um amor com paixão, chamado Ubirajara Botto, tinha sido procurador do Estado da Paraíba, ele já morreu há muitos anos, então quer dizer, advogado, foi procurador do Estado, e eu estava vendo isso, me lembrando disso. Depois eu tive outro amor no Rio Grande do Norte, outra paixão misturada com amor, mas era uma paixão que acabou, chamada Isarés, que era caminhoneiro, e viajei todo aquele Nordeste também de carro com ele. Aí eu tive vários namorados aqui, vários amantes, fiz muita besteira também apaixonada, apaixonada você faz muita besteira. E eu terminei vendo que eu estava no lugar certo gente, o que é isso e tal, esses caras também são legais também, sabe, as mulheres são muito mais importantes, e fiquei a vida inteira... E eu ajudei a reabrir a zona, a zona reabriu, ela reabriu com mandado de segurança... Nós já pegamos e fizemos o seguinte, já colocamos as mulheres, as mulheres já ficavam dentro de casa só pegando os clientes, mas não podia ter bar, música, aí ficava vendendo bebida...

Eu nunca fui caftina, nunca fui dona de casa, eu não tinha talento para isso, eu não sabia explorar ninguém, eu não sei explorar ninguém, e a caftina ela explora - como qualquer outro empresário explora qualquer trabalhador - e dentro da zona já faziam greve quando a carga horária era grande. Por exemplo, a gente entrava no salão às dez horas da noite, era para três horas já fechar tudo e a gente sair com o nosso namorado para curtir o resto da noite, não, estava chegando cliente, não pode deitar ainda, não pode sair ainda. Aí eu dizia no outro dia na hora do café, “Olha, bora hoje entrar no salão meia noite,” duas horas de prejuízo para qualquer empresário em qualquer indústria é prejuízo, eu já dizia isso com outra linguagem, não essa linguagem da indústria, eu não falava isso ainda, “Vamos embora que ela vai ter prejuízo.”

Aí no outro dia ela já melhorava um pouco a comida, eu dizia “Olha, está vendo, o que nós fizemos foi válido,” porque cobrava diária mais cara, deixava a gente passar da hora do trabalho, se entrava dez horas da noite, até três da manhã era tudo os clientes, todo mundo tinha feito programa, ela tinha vendido muito drink, muito uísque branco, Cavalo Branco

grande, aquela coisa toda, e ia chegando homem, chegando gringo, chegando estrangeiro, e a gente já cansada querendo namorar, que tinha nossos namorados, né, que eram nosso amante da vida, e vinha para o final da noite, para amanhecer o dia com a gente, para a gente também ser os últimos a fazer sexo, que amante é os últimos a fazer sexo porque nós que somos putas, né, puta transa com todo mundo e depois... Aí eu sempre fiz isso, e essas pessoas leigas, freiras, essas senhoras, como a dona do [unclear], até já morreram essas senhoras [unclear], tinha toda semana na quinta-feira tinha reunião na paróquia, sabe, e lá a gente fazia mobilização, e a gente foi vendo até reabrir a zona, quando reabriu a zona, a zona ela reabriu de... Ela passou três anos fechada, ela reabriu em 74, três anos fechada, ela reabriu com outro formato, de outra forma, mais casa de cômodo, tocando uma música aqui, vendendo bebida, e a gente ficou. E até hoje existe lá alguns bares, alguns casarões das igrejas que tomaram conta, era muita casa bonita, mulheres lindíssimas, casarões, muita penumbra.

**CP: Nossa!**

LB: Aqui eu estou falando de Belém, mas também vivi em outras boates, outros lugares, morei no melhor cabaré do Rio Grande do Norte chamado Maria Boca, era só mulher internacional, mulheres lindas que vinham de vários lugares do mundo, morei na Dejanira, lá em Imbiribeira em Recife, que era umas casas de show, morei em João Pessoa, morei em Belém aqui, morei nas melhores casas de Belém. Então eu tive uma vida como prostituta, até tive privilégios, de morar em lugares bacanas. Também, como outras colegas minhas também, e também tive momentos difíceis de batalhar na rua, correr da polícia, ir presa, trabalhar dentro de baixão que era sem as mínimas condições sanitárias, peguei malária, peguei... Não, não peguei HIV não. Malária, tive muita malária porque dentro dos lugares tu pegava malária assim brincando, amanhã tu já estava com malária, então era assim. Então eu fiz muita coisa na minha vida, das barragens...

**CP: Deixa eu...**

LB: Hein?

**CP: Opa, perdão te interromper. É que você falou da questão de não ter sido em nenhum momento caftina e dessa exploração, né, e aí eu fiquei lembrando que teve, já tivemos alguns projetos de lei para a regulamentação da prostituição, mas que não avançam. E aí, como que vê essa regulamentação? Ela vai impactar positivamente? Essa questão com relação às caftinas, né, à organização disso, à garantia de direitos para que não tenha essa exploração de maneira absurda como a questão dos horários?**

LB: Olha, no Brasil a gente conseguiu - tu sabe que é só na Alemanha e na Holanda que a prostituição é legalizada, que eu saiba, né - no Brasil, nós temos a CBO, que é pelo Ministério

da Saúde e que são poucas as prostitutas que contribuíram. Toda na questão do projeto dele, nós tivemos do Fernando Gabeira ainda na gestão da Gabriela, a Gabriela passou da gestão, depois do... Só que esse processo não é um processo que as putas sozinhas vão resolver, nós precisamos da academia, nós precisamos de muitas pessoas, de uma sociedade toda para que possamos nos fortalecer, porque o enfrentamento do estigma é muito maior do que qualquer outra coisa dentro da prostituição. Então um país, uma câmara de deputados, um Congresso conservador, onde você tem, conservador. Como é que você vai conseguir, mesmo que meia dúzia, mesmo que a gente faça logo políticos do nosso Estado, com poucos deputados que incentivam a causa, como aqui em Belém nós temos deputados e deputadas também que são sensíveis. Mas é a minoria, então é uma coisa ainda, o Brasil é um país ainda muito conservador. É um país que não acabou o racismo, um país que tem muito preconceito ainda, um país que tem uma mistura muito grande de cultura, sabe, e é um país que ainda as pessoas têm muito preconceito com isso, inclusive com a mulher.

Você vê o número de mulheres que estão no parlamento é muito pequeno ainda para a quantidade, nós somos a maior parte de eleitores do Brasil, são mulheres, nas universidades, são mulheres, as mulheres avançaram nisso, nós avançamos nisso. Mas ainda é muito pouco no poder e ainda tem algumas mulheres conservadoras, tem mulheres conservadoras contra a prostituição, contra o aborto, contra isso, contra aquilo, sabe. Aí é muito difícil, eu não sei se a gente vai, eu não sei se vou chegar a ver isso, mas eu acredito que talvez o meu último bisneto possa ver isso. Mas isso é uma luta que também algumas companheiras do movimento não entendem que nós temos que ter aliados porque nenhum movimento, ninguém vai fazer nada sozinho, nós precisamos muito de outras pessoas, da academia principalmente, sabe. Eu acho que a gente já avançou muito, já deu muita contribuição, tem dado muito na questão das teses de doutorado, de mestrado, de pesquisa, tudo, mas ainda a gente precisa avançar mais, e a gente precisa fazer isso logo por isso dentro das universidades, das praças públicas, agregar pessoas nas comunidades. Só que isso, eu penso isso e a maioria não pensa, que acha que vai conseguir sozinha, nós sozinhas não vamos chegar me lugar nenhum.

Nós só nos organizamos politicamente porque tivemos suporte da Igreja, da forma dela, e lá vai ter, nós queremos estar aqui, nós queremos ser protagonistas da nossa história. Vocês estão apoiando a gente, estão ajudando, estão ensinando o caminho, estão ensinando até a se posicionar politicamente, mas nós precisamos das outras pessoas, ninguém consegue... Eu para fazer uma comida vou precisar do gás, da água, vou precisar do tempero. A mesma coisa, para viajar eu vou precisar de alguém que está lá no guichê do aeroporto. Então, ninguém faz nada sozinho, ninguém é dono da verdade. Então, eu tenho, muito assim, hoje nós temos no Brasil três redes, vários coletivos, que eu sou uma pessoa que não sou nem muito bem-vista diante de algumas companheiras porque eu tenho esse posicionamento. Eu aprendi muito com a academia, eu tenho ensinado muito - eu ensinei mais do que aprendi na academia, mas

isso eu tenho ensinado muito - porque eu entendo uma contação de valores, entendo de uma relação, uma relação de respeito, de afeto, de companheirismo. E dentro da academia eu encontrei pessoas muito importantes também que me ensinaram também, mas encontrei pessoas arrogantes que achavam que a gente estava ali como um instrumento só de pesquisa e não é isso. E algumas companheiras não entendem isso, da importância disso. Mesmo eu chegando lá no embate político, com determinação, com coragem, eu digo, "Olha, gente, é isso, pelo que eu acredito eu luto."

Eu acredito que sozinha eu não vou fazer nada, eu tenho que estar ali com outros aliados, estar junto com os políticos, com as pessoas, estar fazendo esse debate político com outras pessoas, que um vídeo desse que vocês estão fazendo, vocês vão colocar para outras pessoas, outros alunos que vão ver, e realmente, sozinha nós não vamos conseguir nunca. Já tentamos e não conseguimos, e não vamos conseguir, nós vamos conseguir quando tiver uma sociedade mais clara, mais suave, mais competente, que tenha mais amor, e que acredite que as pessoas têm que ser donas da sua própria história, contar a sua própria história, lógico, com suporte das outras pessoas. Agora como é que eu vou resolver isso? Dentro de um congresso desse, conservador, nós precisamos de muitas pessoas, precisamos que dentro da universidade alguém diga para o parlamentar lá, "Olha, é importante apoiar a legalização da prostituição." E aí por quê? Porque você vai combater a exploração sexual de crianças e adolescentes - isso você pode encontrar, como já encontramos em casa de prostituição, crianças, meninas, né, adolescentes. Você luta pela legalização da maconha, as pessoas não vão dizer de um sistema prisional lotado de negro e pobre... Negro, pobre, de mulheres, e de filhos de pessoas humildes, uma degradação social tão grande como é o Sistema Penal Brasileiro, que eu acredito que é um dos piores do mundo.

**CP: Com certeza, Lourdes, deixa eu te perguntar mais uma coisa. Essa questão da regulamentação vem de muito tempo, né, a gente nunca teve... Os debates até avançaram, como a senhora mesmo pontuou, que tem debates avançando, tem construção de, tem sido articulado com aliados, a própria academia de certa forma pode estar sendo aliada como alguns grupos políticos, né. Alguns grupos feministas também, e a gente tem feministas produzindo - feministas não, prostitutas feministas - produzindo também material para poder pensar os caminhos da prostituição. Tem a Monique Prada que coloca, que tem o livro de título "Putá Feminismo," e aí eu fiquei pensando, como é que vai fazer, a gente vai observando essas... Oi?**

LB: Na hora que eu cheguei na zona comecei a fazer feminismo, eu já era uma puta feminista.

**CP: Sim, sim.**



LB: Não com essa linguagem, mas já era porque quando eu dizia para a dona da casa, “Eu quero lutar pelos direitos, eu quero ter condições de trabalho,” o que é isso? Isso é feminismo, isso é o que, é feminismo, é empoderamento, isso na década de 50, gente. O feminismo, ele está entranhado dentro da mulher, e muitas não têm condições de botar para fora, de falar disso, porque está dentro de um gueto, está dentro de uma casa sofrendo violência, ela não tem condições, mas no momento que ela tem uma brecha, que ela sai, que ela tem um espaço que ela possa estar compartilhando isso, ela sabe fazer o feminismo. Dentro da relação da sua sexualidade, dentro da relação do respeito, do empoderamento... Então eu sempre fui uma feminista, arretada, muito bem resolvida, muito bem determinada com o meu corpo, com a minha mente, com a minha cabeça. Então a gente já fez a vida inteira, não é de hoje. Eu acho que a Monique vem com o livro, isso é importante também, isso também de qualquer forma também é importante, enquanto nós tivermos pessoas falando de feminismo, é importante porque vai despertando mais, mas que já, não é coisa nova, não, o feminismo é uma coisa...

Aquelas freiras que estavam lá nos ouvindo, elas já estavam pensando no feminismo, de outra forma dentro das paróquias, dentro de onde elas estivessem, dos conventos. Elas também pensavam também no feminismo sem terem poder de expressão. Então eu como puta tenho direito e o dever e as condições de falar do feminismo, falar do empoderamento, falar da relação de valor, concepção de sociedade, dos direitos, lutar pelos meus direitos, e não só meus, que são os meus direitos, mas lutar pelos direitos de todas as mulheres. Quando você está discutindo a implantação da Delegacia da Mulher, quando tem uma delegada que não seja machista, que seja uma delegada que entenda da questão da mulher. Quando você está ajudando a implantar um conselho, quando você está numa associação de moradores, quando você consegue ser um agente comunitário da comunidade... Então isso tudo é empoderamento. Empoderamento não é só eu dizer “eu sou puta,” “eu sou não sei o quê,” não, empoderamento é muito mais além, empoderamento é você enxergar, abrir um leque de coisas que você possa dizer.

Você na universidade, procurar se destacar, ser líder, ter condições de falar, de se expressar, isso é feminismo. Feminismo não é só... Eu sempre fiz e vi o feminismo, acho importantes as companheiras que estão lançando as suas histórias todinhas aí, acho importante. Acho importante também de ter mais duas Redes, três Redes hoje no Brasil e outras - a Rede Brasileira foi a primeira da América Latina, né - de ter outra Rede na América Latina. Acho muito importante uma porrada de coletivos, talvez não pensando muito como eu penso, mas também as pessoas têm direito de pensar como quiser, sabe, mas a gente tem direito de dizer o que pensa. Eu vou dizer, a minha posição sempre vai ser essa, uma posição política de lutar por direito, por cidadania, de lutar por condições de trabalho, lutar por uma sociedade mais justa, mais fraterna, onde as mulheres tendo condições de lutar pelos seus direitos, onde nós mulheres... Porque eu sei o que é ser mulher, eu sei o que é a desigualdade, sociedade

desigual com a questão da mulher, eu sei o que é isso, sei dentro da comunidade... Só que eu sempre enfrentei, sempre peitei, né, a sociedade, digo, “Olha, estou aqui,” sou mulher, vagina tem poder. Aí eu fiz uma tatuagem “eu sou puta e vagina tem poder.”

Então pronto, então eu acho que é isso, não dá para a gente achar que as coisas não estão acontecendo, não dá para a gente achar que as coisas vão transformar tão rápido, mas já mudança já teve, as coisas estão acontecendo. Eu acho que... Eu até estava um pouco mole para fazer esse negócio porque eu tenho muita dificuldade com isso, sabe, ia lá no shopping com a minha irmã, que a Elaine e a Leila cuidam dessas coisas, estou com o netão aqui, deitado aqui me ajudando porque eu tenho dificuldade demais. Porque eu gosto, assim, de estar dançando, me mobilizando, tomando uma, gosto de estar na praia, isso tudo para mim é empoderamento, isso para mim tudo é feminismo, sabe, eu adoro no final de semana botar uma musicazinha aqui na minha casa, tomar uma cervejinha, fazer um churrasco. E isso é também feminismo, isso também é empoderamento, sabe, chamar as pessoas, convidar, receber pessoas, cuidar das pessoas, as pessoas também cuidarem de mim, porque as pessoas também cuidam de mim.

Então isso para mim tudo é empoderamento, empoderamento que chama, o feminismo se chama o empoderamento da mulher, lutar por condições de vida, qualidade de vida, lutar por universidade pública, lutar onde todo mundo tenha acesso à educação, é isso que nós precisamos, e é isso que nós estamos vivendo. Eu acho que eu como puta, a minha contribuição para a sociedade tem sido dessa forma, dizendo que ninguém vai conseguir chegar lá sem estudar. Eu acho que, acredito que o melhor caminho é você ir para a academia, aprender a lidar com as dificuldades também que tem dentro da academia, a questão de falta de estrutura, falta de investimento, né, na questão da cultura, na questão... Então eu sou esse ser humano que eu venho enxergando muito, não sei como, eu reparo nisso daqui, eu reparo naquilo lá, eu digo, “Olha, gente, está faltando isso, por que a gente não resolve isso, por que...”

O meu voto, eu sou uma mulher que enquanto tiver pernas para andar - porque eu até tive cadeira de rodas, mas quero ir votar, porque o meu voto, ele faz a diferença - eu até disse esse ano, complicado para escolher em quem votar, eu digo, mas vou ter que votar em um que eu já conheço, né. E nós temos que tirar o governo que já está aí porque a gente está vivendo, toda uma situação que nós estamos vivendo no país, a questão da violência, a questão da falta de respeito, da desigualdade social, a corrupção.

**CP: Sim...**

LB: Então é um país tão lindo, tão belo, que tem tantas belezas naturais, tantas pessoas bonitas como nós, generosas, companheiras e companheiros, e nós estamos vivendo numa situação tão difícil. Mas é isso, isso é luta, isso é...

**CP: Lourdes, é, para eu não... Acho que a gente já pode, já encaminhar para o encerramento, mas tem uma questão assim que eu queria muito te ouvir, estou assim bem feliz assim de estar vivendo esse momento, mas a senhora pontuou essa questão dessa conjuntura que a gente está agora, né - isso está sendo produzido em 2022, a gente está em uma conjuntura bem complicada aqui no Brasil. Mas desde a organização de todos esses grupos, encontros, e movimentos organizados de prostitutas, né, que a senhora contou, na década de 80 para agora. Teve mudanças importantes na vida dessas trabalhadoras que são prostitutas, né, das trabalhadoras sexuais? Teve diferença das relações de trabalho dentro dos puteiros? De ontem para agora?**

LB: Teve sim, teve mudanças sim. Se não, não adiantava a gente estar lutando desde os anos 80 para cá se não houvesse nenhuma mudança. Teve há um respeito já, já algumas transformações, algumas mudanças. Lógico que são umas coisas lentas, né, porque mudar condições como a gente vive dentro da indústria do sexo, a questão do trabalho sexual ainda, ele não é reconhecido ainda, né, algumas dificuldades. Mas, por exemplo, algumas casas mudaram, tiveram mais condições de trabalho, mudaram. A questão dos coletivos, a questão das leis, que isso fortalece as mulheres, né, as mulheres saberem que elas não estão sozinhas, que elas têm, por trás delas tem um movimento que luta pelos direitos, que denuncia a violência. Então isso, sem dúvida, mudou. Deveria ter mudado mais se a gente não tivesse se dividido, sabe, a gente se dividiu muito, acho que teve quebra, né, mas eu acho que de qualquer forma foi importante.

**CP: Ah, que bom, que bom. Eu aproveito para agradecer o aceite para o convite dessa entrevista. Eu estou muito, muito feliz de ter aceitado, agradeço a presença e a disponibilidade, e a gente encerra agora a entrevista.**

LB: Olha, e eu sou puta. Puta com esse estigma, puta com esse preconceito, puta com a violência contra a mulher, e estamos juntas, companheira. E olha...

**CP: Com certeza! [risos] Eu estou muito, muito feliz. Obrigada mesmo, obrigada Elaine, obrigada Leila, obrigada Josh, e a Sueann também, pela oportunidade.**

LB: Tchau mãe, tchau mãe!

**CP: Ano que vem a gente vai estar melhor.**

LB: Olha aí, o maior palavrão da sociedade, “filha da puta.” A Elaine e a Leila são duas filhas da puta.

**Elaine Bortolanza: É, eu sou a não parida, e ela é a primeira parida, mas somos duas filhas da puta.**

**CP: Mas todas são filhas da puta! [risos] Está certo, que privilégio, olha, que privilégio.**

LB: Olha, eu queria agradecer a oportunidade, quase que eu não ia fazer esse negócio porque a Elaine sabe que eu fico...

**CP: Ai meu Deus!**

LB: Mas depois de eu ver tantas pessoas e de entender a importância da academia e de a gente estar juntas, aí me dá um tesão danado e não dá vontade nem de parar, *[unclear]*. Mas é isso, olha gente, foi um prazer muito grande, muito obrigada, eu estou muito feliz porque de qualquer forma vai deixar essa mensagem para o mundo, aí.

**Leila Barreto: Deixa eu ver o Deco aí mãe, meu filho.**

LB: E aí, minha filha querida.

**Elaine Bortolanza: Gente, eu só queria falar, que aula, né, que aula, pensando nesse projeto Global Feminismo, eu realmente acho que eu nunca ouvi um conceito tão claro de feminismo como eu ouvi agora, eu fiquei realmente, assim, eu acho que em 20 anos que eu tenho de academia e de luta também no movimento, acho que é a primeira vez que eu ouvi um conceito tão claro de feminismo.**

**CP: Nossa, eu fiquei super feliz com essa resposta, fiquei muito empolgada, já vem de muito antes!**

LB: E eu ensinei as minhas filhas, está aí Leila que pode dizer isso, a lutar pelo feminismo, né, Leila, a ela estar junta, empoderamento. Vai para a escola, vai estudar, se empodera, e nunca negar de quem é filha, quem é a mãe, de quem é... São todos de pai diferente, até porque, para nenhuma brigar, por causa de ciúmes do pai, cada uma tem um pai.